

ARS MEDICA EM TERRA DO ISLÃO

ROSALIE HELENA DE SOUZA PEREIRA

Abstract: Present from the Middle Ages until modern times, the medical system introduced during the 9th century into Arab-Islamic culture was inherited from the Greco-Roman tradition. Faithful to the Greek *téchne*, the wise men of Islam were able to make the Hypocrites and Alexandrian concepts to co-exist with medical practice. The immense wealth of knowledge that remains for posterity has been afforded in the "Arab medicine" its due merit in the History of Sciences.

O século IX viu nascer, nos territórios conquistados pelo Islão, um sistema médico conhecido por "medicina árabe" que vigorou durante toda a Idade Média e chegou ao século XVII. Todavia, numerosos médicos no mundo islamizado, tais como al-Râzî (Rhazes), al-Majûsî (Haly Abbas) e Ibn Sîna (Avicena) eram persas e não árabes. Outros eram cristãos, como Hunayn ibn Ishâq, ou judeus, como Maimônides. Todos eles, no entanto, viviam no interior da cultura islâmica, e suas obras, em grande parte redigidas em árabe, contribuíram para a formação do caráter particular desta cultura.

A "medicina árabe" é herdeira da Antiguidade grega tardia e tem um destacado papel no processo de helenização do mundo islâmico, quando

Rosalie Helena de Souza Pereira é pesquisadora na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

as ciências se desenvolveram a partir do encontro entre os árabes conquistadores e as antigas civilizações.

Antes do advento do Império Islâmico, três grandes centros representavam o intercâmbio de idéias: Alexandria¹, Edessa² e Gundishâpûr³. Quando, em 642 d.C., os primeiros muçulmanos chegaram a Alexandria, encontraram o saber herdado do antigo Egito e da Grécia, principalmente as matemáticas e a medicina; pouco antes, em 637 d.C., em Edessa, já tinham encontrado uma atividade científica bastante desenvolvida graças aos sábios nestorianos e jacobitas⁴, cujas traduções passavam as obras de filosofia e de medicina do grego para o siríaco e, mais tarde, para a língua árabe. E, em 638 d.C., encontraram Gundishâpûr, cidade imersa num clima de tolerância notável, onde florescia uma verdadeira capital intelectual com as tradições culturais greco-egípcias, irano-indianas e judaico-cristãs. Conhecida dos historiadores devido à sua escola de medicina fundada por cristãos nestorianos por volta de 555 d.C., Gundishâpûr mantinha um próspero hospital conjugado a um centro de ensino da medicina, o que garantia a tradução dos textos gregos, e eventualmente sânscritos, para as línguas persa e siríaca. Todavia, em Gundishâpûr, a prática médica, de orientação cristã e fundada sobre fontes gregas, rivalizava com as práticas herdadas da religião de Zoroastro.

É incontestável o fato de, entre os árabes, a ciência permanecer ligada à filosofia. O *hakîm*, personagem central na transmissão e difusão

1. A medicina greco-romana, praticada em Alexandria no início da época islâmica, era fundada sobre a autoridade dos grandes mestres, entre outros Hipócrates, Galeno, Dioscorides (autor de um importante tratado de farmacologia, *Materia medica*, composto por volta de 77 d.C. e bastante difundido entre os árabes), Rufus de Éfeso (médico da época de Trajano que teve 58 tratados de sua autoria traduzidos para o árabe), os compiladores bizantinos Paulo de Égina (610-641, que influenciou a cirurgia e a obstetrícia árabes), Aetius de Amida (527-567, cujo tratado de patologia circulou entre os árabes) e Alexandre de Trales (m. 605, autor de um importante tratado terapêutico que permitiu aos árabes conhecer a magia helenística).

2. Atual cidade de Sanliurfa na Turquia.

3. Ou Jundishâpoûr, próxima à cidade de Ahvâz, no sudoeste do Irã moderno.

4. Cristãos banidos da Igreja pelo Concílio de Éfeso em 431 que, inicialmente, se estabeleceram em Edessa até o fechamento de sua escola em 489 por decreto imperial; perseguidos, encontraram refúgio na Pérsia, em Nísibis e Gundishâpûr, para onde levaram os textos gregos, as traduções e compêndios em siríaco.

do saber, era simultaneamente o sábio e o médico, e foi na arte da medicina que se consagraram diversos sábios e filósofos.

Com a introdução de elementos platônicos e neoplatônicos, o sistema de Aristóteles forneceu a arquitetura e os conceitos fundamentais para a explicação e compreensão dos fenômenos do mundo. Os sábios muçulmanos procuravam na filosofia o conhecimento para a fundamentação das diversas ciências e alguns deles, tais como al-Kîndî, al-Fârâbî, Ibn Sînâ (Avicena) e Ibn Roshd (Averróis) escreveram obras pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade e cujo espírito científico, centrado no interior das concepções filosóficas gregas, inspirara-se sobretudo em Galeno, médico alexandrino do século II d.C., cujos comentários das obras de Hipócrates deram aos árabes acesso aos fundamentos da medicina dos “Antigos”⁵. De todos os médicos gregos, sem dúvida foi Galeno o mais importante para os árabes⁶. A medicina de Galeno, que via em Hipócrates seu modelo, teve, depois do século III d.C., uma posição dominante em todo Oriente helenístico. Desde a segunda metade do século IX, Hunayn ibn Ishâq al-'Ibâdî (m. em 873 ou 877), o principal tradutor das obras gregas na época, enumerava 129 obras do Alexandrino além de uma dezena de obras apócrifas. Teria sido o seu compêndio, conhecido por *Summaria Alexandrinorum*, a principal influência na codificação e expressão dos fundamentos da teoria médica árabe. De Galeno vem o ensinamento da teoria dos humores, a fisiologia do metabolismo, as teorias das três digestões e da circulação do sangue, o estudo das partes do corpo e o reconhecimento de que a cada órgão pertence um processo natural em função de seu uso. Entre os árabes, Hipócrates permaneceu à

5. Assim eram os gregos conhecidos pelos sábios muçulmanos.

6. Galeno recebeu uma formação filosófica platônica, aristotélica, epicurista e estóica. Rejeitou o epicurismo desde cedo e reteve, das outras escolas, algumas concepções que foram desenvolvidas em conjunto com suas teorias biológicas e médicas. Sem dúvida, a filosofia que mais o marcou foi o estoicismo do qual reteve a idéia de uma providência onisciente e racional que rege o mundo, de maneira que o determinismo e o finalismo podem ser articulados por intermédio de uma harmonia pré-estabelecida. Talvez a aceitação, por Galeno, da providência única (ou Deus) tenha contribuído para torná-lo, entre os árabes, o mais venerado dentre os médicos do mundo greco-romano. Também dos estóicos vem a noção de *sympátheia* que Galeno utiliza na explicação das doenças: uma parte enferma pode transmitir sua enfermidade a outra parte.

sombra de Galeno, ainda que o juramento hipocrático tenha mantido a ética médica ligada a seu nome. Todavia, a transmissão da medicina hipocrática deve às obras de Galeno e às traduções que delas fizeram os árabes o prestígio do qual sempre gozou seu fundador, Hipócrates.

A assimilação da ciência dos “Antigos” é feita repensando os princípios e reorganizando os diferentes conhecimentos. Conservada a terminologia do antigo modo de conceitualização, foi por intermédio das traduções que a atividade científica criou as bases da ciência cujo apogeu se situa entre os séculos VIII e XII. Promotor de um conhecimento herdado, o mundo islâmico orientou a ciência para uma forma mais operacional, o que poderia ser o embrião de uma ciência de laboratório. O espírito de curiosidade e amor pelo saber transparece nos manuscritos que chegaram até nossos dias, nos quais se verifica a preocupação pela observação, identificação, verificação e descrição dos objetos de estudo.

A arte da medicina árabe floresceu já na segunda metade do século VIII e sua influência exerceu-se nos círculos médicos do Ocidente e do Oriente durante quase nove séculos. Neste período, o mundo islâmico compreendia regiões bastante diferenciadas culturalmente. Desde a Península Ibérica até a Índia Ocidental, a difusão das idéias e dos textos não era uniforme, pois enfrentava diferenças regionais e religiosas: os regimes alimentares, as regras de higiene e de sepultamento dos mortos, as leis do jejum e outros hábitos diferenciavam-se nas comunidades muçulmanas, judaicas, cristãs, zoroastrianas, masdeístas, maniqueístas etc.. As grandes diferenças climáticas entre populações nômades que habitavam os desertos, as comunidades litorâneas sedentárias, agrícolas ou urbanas, somadas às condições econômicas e políticas, à incidência dos ferimentos e doenças decorrentes das guerras, às dificuldades enfrentadas pelos comerciantes e peregrinos, às epidemias e doenças endêmicas, tudo exigia cuidados médicos diferenciados para o atendimento das diversas populações. A prática médica, fundamentada nos textos sapienciais, era exercida paralelamente a uma prática tradicional muitas vezes remanescente dos antigos cultos pagãos. Neste vasto território, a pluralidade de práticas médicas implicava, também, em cuidados diferenciados segundo as condições econômicas e sociais dos enfermos ainda que houvesse, no Islão, o imperativo moral de que todas as doenças fossem tratadas sem que fosse considerada a situação financeira do paciente.

Uma das grandes realizações da sociedade medieval islâmica é o hospital, instituição que preenchia diversas funções: centro de tratamento médico, casa de convalescença dos enfermos e acidentados, asilo de

pacientes com distúrbios mentais, até mesmo refúgio dos idosos e inválidos privados da assistência familiar. Abertos a todos, homens e mulheres, ricos e pobres, adultos e crianças, civis e militares, muçulmanos e indivíduos de outros credos, os hospitais concentravam sobretudo uma população sem recursos pois, salvo circunstâncias excepcionais, os mais abastados recebiam cuidados médicos em suas próprias casas ou em clínicas equipadas. Permanece sem precedentes o cuidado dedicado aos pacientes com distúrbios mentais, o que foi uma das principais contribuições dos primeiros hospitais árabes.

Reza a tradição que um hospício em Damasco teria sido fundado pelo primeiro califa dos Omíadas, al-Walíd I (705-715), e os documentos que nos chegaram indicam a fundação do primeiro hospital árabe em Bagdad durante o califado abássida de Hârûn al-Rashîd (786-809). Todos os hospitais em terra do Islão eram financiados ou pelo orçamento do Califado ou por receitas que provinham de doações de propriedades efetuadas por pessoas ricas ou ligadas ao poder. Os serviços hospitalares eram gratuitos ainda que, individualmente, alguns médicos pudessem receber honorários.

Não cabe aqui fazer uma descrição detalhada das práticas médicas realizadas pelos muçulmanos. Basta indicar a importância concedida à cirurgia, pois a ela eram dedicadas monografias e partes extensas reservadas nas enciclopédias, o que nos leva a pensar na tendência que tinham os sábios da época em considerar a prática cirúrgica como uma prática distinta da medicina. O mesmo se refere à oftalmologia que podia ser considerada uma especialidade à parte dada a vasta literatura que lhe foi dedicada em base à grande incidência de doenças dos olhos no Egito e no Oriente. No campo da anatomia, devido às proibições religiosas no que concerne à dissecação humana, a medicina dos árabes apoiou-se inteiramente nas lições de Galeno.

Também no domínio da medicina situam-se os grandes tratados sobre a preparação das drogas e dos medicamentos, recebendo destaque as obras sobre os venenos, bastante numerosas entre os árabes. A influência da Pérsia e da Índia é notável mas, quanto à preparação dos venenos, os sintomas e os tratamentos dos envenenamentos, a herança grega é preponderante. É com esta literatura sobre os venenos que os árabes demonstram o conhecimento de um método racional aplicado aos fenômenos naturais, pois a teoria dos venenos permite situar a arte médica no conjunto das ciências da natureza, as quais repousam sobre a doutrina das qualidades elementares, o calor, o frio, a secura e a umidade que, conjugadas

com os quatro elementos, fogo, água, terra e ar, resultam na teoria dos quatro humores, bílis, sangue, atrabílis (ou bílis negra) e fleuma (ou pituíta). O diagnóstico da doença exigia o conhecimento desta teoria – totalmente adotada pelos árabes já no final do século IX – e seu tratamento considerava o temperamento do paciente e era formulado conforme a Teoria dos Humores⁷. Os médicos do mundo islâmico insistiam no conhecimento da pessoa enferma, seu regime alimentar, suas enfermidades anteriores, as enfermidades dos pais e, sobretudo, seu estado psíquico; exerciam uma terapêutica psicossomática, sendo precursores neste tipo de assistência Abû Bakr al-Râzî (865-925) e Ibn Sînâ, o Avicena dos latinos (980-1037). A relação do indivíduo, enquanto microcosmo, com o macrocosmo impunha considerar os climas, as estações e as influências dos astros, fatores preponderantes na elaboração do diagnóstico e na eficácia do tratamento.

Formulada pelos gregos, reconhecida pela medicina galênica e assimilada pelos árabes, a fisiologia aplicada à patologia que melhor indica a visão dos Antigos da relação do homem com o universo é a teoria dos Quatro Humores. Refutada ou aceita com pequenas modificações durante toda a Idade Média, a Teoria dos Quatro Humores acabou por se impor no Ocidente do século XII, com o renascimento da Filosofia da Natureza.

A TEORIA DOS QUATRO HUMORES

Foi em fins do século V e durante todo o século IV a.C. que a Grécia viu nascer uma “força cultural de primeira ordem”⁸, quando a arte de curar, baseada no esclarecimento a fundo do doente, constituiu-se numa autêntica *téchne*. A “arte médica” – como os Gregos a chamavam – surgiu de forma consciente e metódica no terreno preparado pela filosofia jônica da natureza. A Medicina jamais teria conquistado seu estatuto de ciência sem as investigações dos primeiros filósofos, cuja busca de uma explicação para todos os fenômenos da natureza levou-os a relacionar todo efeito

7. O diagnóstico e o tratamento da enfermidade utilizavam-se da teoria dos Quatro Humores, no entanto, alguns autores afirmam que os árabes “aderiram em geral de maneira tão ortodoxa à teoria galênica das “crases” (misturas)” que “não podiam aceitar nem promover *a fortiori* o princípio fundamental da doutrina humoral dos temperamentos, isto é, a idéia de que a preponderância de um ou outro humor primário determine os traços característicos dos diferentes indivíduos.” Cf. R. Klibansky, E. Panofsky, F. Saxl, *Saturne et la Mélancolie*, pg. 165.

8. Cf. Werner Jaeger, *Paideia*, Lisboa, Editorial Aster, pg. 939.

a uma causa, para daí comprovar a existência de uma ordem geral e necessária. A cultura grega, orientada tanto para a formação do corpo como para a do espírito, fez surgir, como personagem de relevo, o médico, ao lado do filósofo.

A idéia estreitamente relacionada com a doutrina da filosofia da natureza é a da *isomoiría* ou *isonomía*, idéia que faz depender a saúde e a normalidade, no homem, do perfeito equilíbrio (*eukrasía*) entre a natureza e os elementos fundamentais do organismo. O império exclusivo (*monarchía*) de uma só força no organismo é a causa das doenças e a igualdade quantitativa e qualitativa (*isonomía*) das forças é a causa da saúde. O sentido da totalidade, no pensamento grego, faz surgir, na arte médica, conceitos fundamentais, como o de mistura (*krásis*) e o de harmonia (*harmonía*) orientados por uma concepção que não considera as doenças isoladamente, pois o homem se relaciona com a natureza que o rodeia, sendo sua qualidade individual parte do sistema das leis universais que regem a natureza.

No decurso do século V a.C., surgem médicos que simultaneamente são filósofos, como Alcméon, Empédocles e Hípon, os três pertencentes à escola ocidental grega. Alcméon de Crotona, médico pitagórico que floresceu em torno de 500 a.C., definiu a noção de saúde na fórmula condensada “uma mistura equilibrada das qualidades” (*sýmmetros tón poión krásis*) deixando, no entanto, indeterminado o número e a natureza das qualidades – úmido, seco, quente, frio, amargo, doce etc. Foi o pitagórico Filolau de Tarento que, partindo da doutrina que considerava o número quatro como particularmente significativo, relacionou o “princípio de saúde” (*hygieías archê*) com este número “que contém a raiz e a fonte da natureza eterna”⁹. Empédocles combinou as especulações dos filósofos naturalistas com o princípio pitagórico do número puro e elaborou a doutrina dos Quatro Elementos onde os “quatro princípios ou raízes do Todo” estavam acoplados às quatro entidades cósmicas, o sol, a terra, o céu e o mar. A combinação (*krásis*) perfeita dos quatro elementos (*stoikheía*)

9. Os Pitagóricos tinham o hábito de jurar por quatro, e consideravam, não somente a natureza em geral, mas também o homem governado por quatro princípios situados respectivamente no cérebro, no coração, no umbigo e no falo; mais tarde, a alma passou a ser quádrupla, pois continha o intelecto (*noûs*), a apreensão (*epistémê*), a opinião (*dóxa*) e a sensação (*aísthêsís*).

– fogo, terra, ar e água – no organismo individual produz o homem dotado de inteligência e de espírito sutil, e sua má distribuição gera um imbecil.

Com a teoria dos Quatro Elementos, que faz homem e universo derivarem dos mesmos princípios, Empédocles estabelece a unidade do macrocosmo com o microcosmo, idéia cuja evolução vai percorrer mais de dois mil anos. Será um discípulo de Empédocles, Filistion, a introduzir a noção segundo a qual cada elemento possui uma qualidade particular (*dýnamis*): “ao fogo pertence o calor, ao ar o frio, à água a umidade, à terra a secura”. Assim, concilia-se a teoria das qualidades fundamentais de Alcmeon com a teoria dos elementos formulada por Empédocles que, juntas, atingiram seu pleno desenvolvimento um pouco antes de 400 a.C., quando, então, foram aplicadas à teoria dos humores conhecida da tradição propriamente médica. O importante tratado *Da natureza do homem*, segundo Galeno atribuído pelos Antigos seja a Hipócrates seja a seu genro Polibo, tem valor ímpar devido à apresentação da patologia humoral num único sistema: os esquemas quaternários de Pitágoras e Empédocles combinam-se com a noção dos humores presentes no corpo humano, retirada da medicina empírica: o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra. Os Quatro Humores, mais tarde denominados Quatro Temperamentos, combinam-se às quatro idades do homem, infância, juventude, maturidade e velhice, as quais já eram, desde a época pitagórica, associadas às quatro estações. O esquema da patologia grega apresentado na primeira parte do *Peri phýseos anthrópou*, é o seguinte: o ar, quente e úmido, corresponde ao sangue e à primavera; o fogo, quente e seco, corresponde à bÍlis amarela e ao verão; a terra, fria e seca, corresponde à bÍlis negra e ao outono e a água, fria e úmida, corresponde à fleuma e ao inverno. Se os quatro humores estão equilibradamente misturados, o organismo encontra-se em estado de saúde. Se o equilíbrio for quantitativa ou qualitativamente perturbado, surge a enfermidade.

Teria sido todo este saber greco-romano meramente compilado pela “medicina árabe”? Ou, em qual medida a “medicina árabe” contribuiu com descobertas originais?

Na Idade Média islâmica não podemos falar em pesquisa científica, tal como a entendemos modernamente, pois não estava em discussão a busca do conhecimento empírico do real. Assim, o médico, quando tratava da enfermidade, baseava-se nos textos antigos como *auctoritas*, e buscava simplesmente a cura da enfermidade. Seria um anacronismo supor que o médico medieval utilizasse a enfermidade como uma oportunidade de testar a validade dos conhecimentos tradicionais, de reinterpretar

os processos desenvolvidos no corpo humano ou mesmo de experimentar novas teorias. A literatura dos Antigos é para ele exemplo e autoridade cabais. Nela se encontra a verdade que ele, com atitude submissa, deve compreender. A tradição grega é para a “medicina árabe” depositária do saber que é necessário reunir, compilar e sistematizar. Este esforço resultou nas enciclopédias deixadas por al-Râzi, al-Majûsî, al-Zahrâwî, Avicena, entre outros. O que estes *compendia* oferecem não são investigações ou experimentações sistemáticas, mas uma construção fundada sobre teorias. Concebidas pelos hipocráticos e alexandrinos, até Galeno, estas teorias – observações do corpo humano que se misturam com reflexões filosóficas – foram recebidas como definitivas e utilizadas pelos árabes para desenvolver novas técnicas com a observação clínica do paciente. Fieis ao espírito da *téchne* grega, os árabes souberam aliar à experiência do caso individual a ciência herdada: conhecida a natureza da doença, procuraram os meios adequados para a recuperação da saúde do enfermo. Foram os conceitos gregos aplicados à prática médica que possibilitaram ao mundo islâmico a criação deste imenso *corpus* deixado à posteridade, reservando à “medicina árabe” seu meritório lugar na História das Ciências.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *Histoire des sciences arabes*.
Vol III, Paris, Seuil, 1997.
- AA.VV. *The Western Medical Tradition*.
Cambridge Univ. Press, 2^a ed.,
1996.
- CHIKH BOUAMRANE & LOUIS
GARDET, *Panorama de la
pensée islamique*, Paris, Éditions
Sinbad, 1984
- GALENO, *Oeuvres médicales choisies
I, II*, Paris, Gallimard, 1994.
- MANFRED ULLMANN, *La médecine
islamique*, Paris, PUF, 1995.
- RENÉ TATON, *La science antique et
médiévale*, Paris, PUF, 1994.
- RAYMOND KLIBANSKY, Erwin
Panofsky & Fritz Saxl, *Saturne et
la Mélancolie*, Paris, Gallimard,
1989.
- SEYYED HOSSEIN NASR, *Sciences et
savoir en Islam*, Paris, Sinbad,
1979.
- WERNER JAEGER, *Paideia*, Lisboa, Edi-
torial Aster